

8

Mário Cesariny. *O NAVIO DE ESPELHOS. De: A Cidade Queimada. 1965*

O navio de espelhos  
não navega, cavalga

Seu mar é a floresta  
que lhe serve de nível

Ao crepúsculo espelha  
sol e lua nos fiancos

Por isso o tempo gosta  
de deitar-se com ele

Os armadores não amam  
a sua rota clara

(Vista do movimento  
dir-se-ia que pára)

Quando chega à cidade  
nenhum cais o abriga

O seu porão traz nada  
nada leva à partida

Vozes e ar pesado  
É tudo o que transporta

E no mastro espelhado  
Uma espécie de porta

Seus dez mil capitães  
Têm o mesmo rosto

A mesma cinta escura  
O mesmo grau e posto

Quando um se revolta  
Há dez mil insurrectos

(Como os olhos da mosca  
reflectem os objectos)

E quando um deles ála  
E o corpo sobe os mastros  
E escruta o mar do fundo

Toda a nave cavalga  
(como no espaço os astros)

Do princípio do mundo  
Até ao fim do mundo